

Da leitura dos media à leitura dos livros: a sala de leitura como espaço de mediação¹

Rogério Pelizzari de Andrade²

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Resumo

Os meios de comunicação eletrônicos são responsabilizados por supostos desvios das práticas leitoras. Os estímulos audiovisuais de suportes como a televisão, o rádio, a internet e o videogame, em geral marcados pela superficialidade e pela tentativa de induzir as audiências ao consumo, minimizariam o contato com vivências mais complexas que se manifestam no contato com o texto impresso. Propondo uma inversão deste ponto de vista, uma pesquisa foi realizada em sala de leitura de uma escola da rede municipal de São Paulo. Nosso objetivo foi identificar se as experiências vivenciadas com os produtos e aparatos midiáticos podem atuar como dispositivo para o possível interesse em relação aos livros.

Palavras-chave

Educação; Dispositivo; Leitura; *Medias*; Salas de Leitura

Dispositivo, educação e leitura

O presente artigo é resultado de uma pesquisa que teve por objetivo verificar se os meios de comunicação, especialmente os audiovisuais, podem contribuir para aproximar os jovens dos livros. Aproveitando as características das salas de leitura, que permitem maior mobilidade aos alunos, favorecem o diálogo e a troca de informações, além de uma experiência mais desobrigada com as obras literárias, isto é, fora do programa pedagógico, selecionamos um destes espaços, de uma unidade escolar, para aplicar o estudo.

Nosso propósito era analisar em que medida os *media* atuam como dispositivos que permitem o estreitamento da relação entre os jovens e os livros por intermédio de leituras

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, no XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação.

² Bacharel em Comunicação Social pela Universidade São Judas Tadeu – USJT, especialista em Gestão de Processos Comunicacionais pela ECA/USP, mestre em Ciência da Comunicação do Programa de Pós-Graduação da ECA/USP. Publicitário e jornalista, trabalha na Secretaria Executiva de Comunicação da Prefeitura de São Paulo e é professor no Centro Universitário FIAM-FAAM e da Faculdade de Tecnologia de São Paulo (FATEC). Endereço eletrônico: rogerio.pa@uol.com.br

que poderíamos classificar como *transversais*, *intersígnicas* e *híbridas*, ou seja, que são promovidas a partir da transitoriedade entre diferentes *medias* e suas linguagens distintas.

O livro *O Senhor dos Anéis* é um bom exemplo para contextualizar esta ideia. Reorganizado para outros formatos, como o cinema e o videogame, e até mesmo fonte inspiradora de bandas de rock, como Led Zeppelin, ele permite a realização de tais *leituras*, que perpassam por uma variedade de plataformas.

Canclini (2008) menciona as novas experiências de leitura. O livro aberto, enquanto a música toca no Ipod, a televisão ligada e um amigo virtual chamando pelo Messenger. Leitura feita aos pulos. Atividades paralelas e concomitantes. Entre um parágrafo e outro, entrelinhas, entre palavras. Trata-se de uma experiência leitora bastante diferente daquela verificada 15 ou 20 anos atrás.

Gómez Orozco (2008) fala sobre audiências participativas, em que os leitores não só absorvem, mas também são autores. Consomem, editam, modificam, adaptam as obras. Por intermédio das telas, apropriam-se e redefinem, atribuindo aspectos de suas vivências pessoais ao título original.

Referenciando-nos em tais conceitos, podemos considerar esta *leitura transversal* ou *leitura híbrida*, que passa por múltiplas plataformas. Uma leitura que pode ter início, por exemplo, no cinema, ser retomada no videogame e revista no livro. Uma leitura que, por ser dinâmica, talvez contribua para que os jovens se sintam atraídos pelos livros.

Leitura Mediática

É fato que os meios de comunicação pertencem ao cotidiano dos alunos. Eles passam, por exemplo, boa parte do dia expostos à televisão, à internet, ao rádio e ao videogame. Frequentemente o resultado das vivências com estes aparatos estão presentes no comportamento, na expressão nova, na música, na forma de se vestir, na opinião sobre determinado tema.

E não só dos alunos. Este é o universo dos professores também. Ainda que moldados em gerações diferentes, tanto uns quanto outros pertencem ao *ecossistema comunicativo*. A expressão cunhada por Martín-Barbero remete a novos olhares sobre *as formas* de educar – e aqui, mais do que nunca, no plural -, abre espaço para se discutir a valorização de outras competências e habilidades, uma compreensão mais abrangente em relação ao significado do conceito de alfabetização.

A escola, parte do ecossistema comunicativo e dos novos formadores do espaço público, dos quais os media formam o conjunto mais visível, está, ao mesmo tempo, determinada a dignificar a sua linguagem de base, construída, no fundamental, pela palavra, e desafiada a trabalhar com outras linguagens, lendo-as, entendendo-as, incorporando-as, infletindo e refletindo sobre elas: vale dizer, **considerando as múltiplas possibilidades de se produzir os sentidos e, com isto, ampliando o próprio conceito de alfabetização.**³ (CITELLI, 2006, p.165)

Pesquisadores como Canclini (2008) sugerem que é necessário relativizar considerações sobre a redução do hábito de leitura. Valendo-se de uma série de estudos realizados principalmente na América Latina, como os desenvolvidos pela Associação Mundial de Periódicos, pelo Sistema Nacional de Consumos Culturais da Argentina, pela Colômbia, além da Pesquisa Nacional da Juventude feita no México, o autor aponta uma série de dados aparentemente positivos: (1) aumento do número de leitores paralelo à distribuição de jornais gratuitos; (2) crescimento de 488 milhões para 1,4 bilhões de leitores de periódicos ao longo de cinco anos em todo o mundo; (3) tendência ascendente significativa do consumo de revistas, histórias em quadrinhos, passatempos, além de material veiculado na internet; (4) uso crescente, sobretudo entre os jovens, de computador, aparelho celular, agenda eletrônica, MP3 e videogame, que permitem formas de leitura que não necessariamente substituem, mas podem complementar as tradicionais.

Como salienta o pesquisador, com as novas configurações e comportamentos sociais, “lê-se de outras maneiras, por exemplo, escrevendo e modificando.” (CANCLINI, 2008, p.59) *Best Sellers*, não raro adaptados “para” ou “de” outras linguagens, como o cinema e os *games*. Os universitários formam livros montados a partir de fotocópia de capítulos de diferentes obras. Fragmentos. Textos curtos, *twitter*, mensagens de *pages* e aparelhos celulares. Assim, como falar em prevalência de imagens quando “as telas do nosso século” foram feitas também para a palavra escrita?

Podemos acrescentar, como destaca Reimão, que, no decorrer dos séculos, o livro assumiu diferentes formatos e características físicas, assim como sofreu variações “nas práticas sociais de aproximação e de seu apossamento, produzindo usos e significações amplamente diferenciados.” (2004:97). Não seria de todo equivocado considerar a partir da constatação, que as novas formas e linguagens introduzidas pelos meios de comunicação poderão estimular novas apropriações, a partir de necessidades e demandas sociais.

³ Grifo do autor.

Belo (2008) lembra que as previsões desfavoráveis ao livro são feitas há bastante tempo. No século XIX, com o barateamento e popularização do jornal, especialistas estipulavam apenas algumas décadas de vida para os livros, que, no prognóstico deles, em menos de cinquenta anos não seriam mais impressos, pois aos poucos os leitores perderiam o interesse nos últimos em favor do primeiro. Assim como os meios de comunicação eletrônicos hoje, os periódicos noticiosos e os folhetins eram vistos como prejudiciais à educação, à intelectualização e ao desenvolvimento do espírito crítico.

Ao traçar um paralelo entre as projeções antigas e atuais, o autor recomenda cautela. Reitera que, contrariando os pessimistas de ontem, o suporte (livro) se mantém até os dias hoje, e acredita que ainda pode contrariar os céticos da contemporaneidade, que responsabilizam, por exemplo, o computador e suas possibilidades pela extinção da palavra impressa.

Em sua opinião, os recursos oferecidos pelas ferramentas informatizadas tendem a valorizar e estimular as práticas leitoras e, por consequência, tais recursos garantirão que os livros sejam preservados. Belo aponta, entre os benefícios que os favoreceriam, as obras disponíveis gratuitamente e de fácil acesso na internet, o que permite o contato de um número muito maior de pessoas com um universo de textos, artigos científicos e obras literárias antes praticamente inacessíveis.

O pensador francês acredita que a postura antagônica é comum diante do desconhecido. Neste sentido, “se o futuro do livro é incerto, parece cada vez mais claro que anunciar sua morte é mais um sintoma de incapacidade para compreender bem as mudanças em curso do que um diagnóstico rigoroso do que está acontecendo.” (BELO, 2008, p.22)

A mesma opinião tem Murray, para quem o computador, na verdade, “não é inimigo do livro”. Originado da cultura impressa, se tomada como referência a prensa de Gutenberg como marco inicial, ele seria “o resultado de cinco séculos de investigação e invenções organizadas e coletivas que o texto impresso tornou possível.” (2003, p.23)

Lévy também tece considerações sobre a tecnologia e a multiplicidade de recursos especialmente oferecidos pelas plataformas virtuais. Ele destaca que a *cibercultura* se caracteriza pela liberdade, a interatividade e pela potencialização de um aspecto fortemente ligado à prática leitora: a possibilidade de construção e de realização de uma leitura pessoal. Nela, “o texto dobra-se, redobra-se, divide-se e volta a colar-se pelas pontas e fragmentos: transmuta-se em hipertexto, e os hipertextos conectam-se para formar o plano hipertextual indefinidamente aberto e móvel da web.” (2008, p.149)

Canclini pondera ainda quanto às diferentes concepções de leitura, sobretudo quando ela parte de uma visão que poderíamos chamar tradicional, isto é, de alguém mais familiarizado com a cultura letrada, de um leitor que não se constituiu influenciado pelas ferramentas de comunicação contemporâneas, particularmente no ambiente virtual da internet, onde leitor e autor se confundem. “Quem lê sem separar aquilo que, nele, também é espectador e internauta, lê – e escreve – de uma maneira enviesada, incorreta para os adeptos da cidade letrada.” (2008, p.59)

Entretanto, vale considerar a possibilidade de ser exatamente este o ponto de partida – ou de retomada. Mais do que pensar em como utilizar os meios de comunicação para desenvolver habilidades “desejáveis”, que se voltem estritamente à educação formal, seria o caso de refletir a respeito do que pode haver de complementaridade nesta relação.

Metodologia

Para alcançar os objetivos propostos, optamos pela utilização da técnica de pesquisa que autores como Haguette (2000) e André (1995) denominam *observação participante*. Considerando-se que o estudo foi aplicado na sala de leitura de uma escola municipal de ensino fundamental da cidade de São Paulo, a estratégia de levantamento de dados se constituiu basicamente da convivência, ao longo de dez aulas, com três turmas distintas do nono ano, em um total de 30 encontros. A partir de critérios estabelecidos de maneira prévia, buscamos identificar características que confirmavam (ou não) as hipóteses de que os produtos dos *medias* circulam nestes ambientes e que, por representarem elementos de constituição de sentido, podem intermediar a relação entre os estudantes e os livros.

Em síntese, o que fizemos ao longo do período de levantamento de informações foi observar o comportamento dos alunos, a forma de se relacionarem entre si e com o professor, levando em consideração as seguintes expressões interrogativas:

- Os alunos utilizam celular na sala?
- Os alunos utilizam aparelhos de MP3, MP4, Ipod ou equivalente para ouvir música?
- Os alunos utilizam outros aparelhos eletrônicos próprios como videogames portáteis, laptop, entre outros?
- Os alunos levam jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação de massa para as aulas?

- Os alunos comentam sobre filmes, novelas, seriados, programas de auditório, telejornal ou outros programas de televisão?
- Os alunos comentam sobre programas de rádio ou músicas?
- Os alunos que utilizam celular ou qualquer outro aparelho eletrônico ou meio de comunicação de massa o fazem coletivamente ou individualmente? Comentam a respeito? Cantam? É algo participativo?

Buscava-se saber, por outro lado, como o professor se comportava diante destas questões:

- Ele falava sobre os meios de comunicação?
- Utilizava algum aparelho eletrônico? Celular? Aparelho de música? Computador? *Datashow*?
- Levava para dentro das aulas questões discutidas pelos meios?
- Estimulava os alunos a fazerem-no?
- Quando via (se via) um aluno, por exemplo, usando o celular, o que ele fazia?

Por fim, buscamos a aproximação com o aspecto central da pesquisa e as possíveis relações existentes entre a eventual circulação do discurso dos *media* e o interesse dos estudantes pelos livros:

- Os alunos selecionavam títulos relacionados a assuntos discutidos pelos meios de comunicação e levados para dentro da sala de aula? Por exemplo, um filme do Harry Potter estimulava o empréstimo do livro do Harry Potter? Ou mesmo em relação a uma temática? Um filme de mitologia estimulava os alunos a se interessarem por livros de mitologia?

A unidade escolar selecionada para o desenvolvimento do trabalho foi a Celso Leite Ribeiro Filho, localizada na região central da cidade de São Paulo. O universo da pesquisa foi composto pelo professor da disciplina e as já mencionadas três turmas de nono ano do ensino fundamental, em um total de 87 alunos. Os encontros aconteceram entre os dias 22 de março e 7 de junho de 2011.

Como não fazia parte do escopo do estudo fazer comparações entre turmas, entendemos que seria possível agrupar as descrições e análises, não estabelecendo distinções entre impressões, expectativas, reações, etc captados nas diferentes turmas. Para não nos desviarmos de nosso propósito original, procuramos nos ater aos traços comportamentais

captados e registrá-los inicialmente em um diário de bordo. Em seguida, as informações foram sistematizadas, de forma que as “ocorrências” foram consolidadas por aula.

Dos *media* aos livros

Neste item nos voltaremos à descrição e análise dos registros captados a partir das observações. Contudo, julgamos válido fazer uma breve contextualização do que é a sala de leitura e que atividades são realizadas durante as aulas.

Criado ainda na década de 70 como um programa da Secretaria de Educação do Município de São Paulo, sua proposta original era instalar uma biblioteca em unidades escolares mais afastadas e mais carentes de equipamentos culturais e, com isso, estimular as práticas leitoras, bem como estreitar as relações dos alunos com os livros. No decorrer das décadas seguintes, o projeto se transformou significativamente, atingindo todas as escolas da rede municipal, foi incorporado ao plano pedagógico oficial e passou a ser uma aula regular, ministrada por professores não necessariamente com formação em letras, que recebem capacitação específica para atuar na disciplina.

As salas, além de maiores, são dispostas de maneira diversa do habitual, conta com mesas redondas e coletivas, em geral possuem recursos multimídia, como televisão, rádio, computador e *datashow*. O professor tem flexibilidade para montar suas aulas e pode se valer de recursos variados: aplicar atividades, promover rodas de leitura, liberar os alunos para leitura livre, passar filmes, provocar debates...

Convém mencionar ainda que os alunos não são avaliados nesta disciplina e, portanto, não correm o risco de ficarem retidos em uma série por conta de um eventual mau desempenho na matéria.

Após o breve relato acerca da sala de leitura, abordaremos de maneira sintética as aulas individualmente, com a análise de situações vivenciadas. Tal reflexão obedecerá a sequência dos encontros.

Aula 1

O professor nos apresentou para as turmas e esta foi, sem dúvida, a mais *antinatural* das aulas. O mestre pareceu um pouco nervoso e os alunos estavam quietos – ao contrário do comportamento verificado nos encontros seguintes.

Uma roda de leitura foi organizada, cada um leu trechos de uma obra chamada *A menina do fio*. De tempos em tempos, o professor interrompia para contextualizar, discutir significado de palavras e eventualmente fazia relações com aspectos do cotidiano dos alunos, como referências de novelas.

Já nesta primeira aula, alguns elementos chamaram nossa atenção. Em primeiro lugar, a presença dos *media* em sala não apenas na forma discursiva, mas também física. Uma aluna folhava revista feminina trazida de casa, cinco alunos ouviam aparelhos de MP3, falou-se sobre a telenovela, sobre o Big Brother, internet, o noticiário internacional. Em segundo lugar, eles foram utilizados como referência para a interpretação, compreensão ou para estabelecer simples paralelismo ao texto. Ora o professor, ora os alunos se remetiam a eles para questionar, raciocinar, discutir. Em terceiro lugar, os produtos dos meios de comunicação despertaram o interesse dos alunos. Os momentos de participação coletiva se deram principalmente quando se comentou a respeito da novela *O Clone* e fizeram menção ao *Big Brother*. E em quarto, apesar de permitir tais conexões, o professor tende a evitar o aprofundamento. A preocupação é sempre de retomar o texto e não se perder dele.

Aula 2

O tema da aula é ficção científica. Exemplares do livro *Crônicas Marcianas* são distribuídos entre os alunos, que se reúnem em torno de cinco grandes mesas redondas. Todos conversam alto, um aluno joga videogame portátil, uma garota folheia exemplar da revista *Gloss*, três mexem no celular, cinco garotos ouvem música por meio de fones de ouvidos.

A aula se desdobra em tentativas infrutíferas de trazer os estudantes para a leitura. Dois demonstram interesse e acompanham o texto com o professor, que se irrita com o barulho excessivo e interrompe vez e outra para tirar equipamentos eletrônicos das mãos dos alunos. O ponto máximo de interatividade se dá quando ocorrem citações aos filmes *Transformers*. Ocorre uma breve discussão sobre o filme, quando o professor pede para sejam enumeradas obras do cinema que possam se enquadrar no gênero ficção científica.

Alguns pontos merecem destaque neste segundo encontro. Em primeiro lugar, mais uma vez os *media* se fazem presentes. Ao lado das conversas cotidianas, sobre namorados, festas, discussões e afins, eles são predominantes nas conversas. Em segundo, a fragmentação do todo, com os alunos ocupando as diversas mesas redondas, provocou uma

descoletivização da leitura e, por consequência, fez com que ela alcançasse um número menor de alunos.

Aula 3

Dando sequência ao tema ficção científica, o professor leva para a sala a série *Perdidos no Espaço*, que fez sucesso nos anos 60. Ele tenta explicar rapidamente os motivos pelos quais selecionou o material, mas os alunos demonstram certa impaciência. Querem assistir logo.

Apressado pelas queixas, o mestre liga o aparelho e repentinamente as inúmeras vozes simultâneas são substituídas pelo silêncio absoluto.

Todos estão voltados para a projeção, mas o comportamento da jovem audiência obedece certa dinâmica. Uma garota, por exemplo, está com fone em uma das orelhas, lê um, por duas vezes olha o celular, além, é claro, de assistir ao filme. Sua atenção se prende a *Perdidos no Espaço* especialmente nas cenas de maior suspense, valorizadas por trilhas sonoras típicas. Em certos momentos, ela simplesmente esquece o livro. Fica ali, uns bons cinco minutos como que hipnotizada.

Pelo menos dois terços da sala mantêm postura similar. Parecem tomados por certa inquietação. Constantes interrupções para comentários, rápidas conversas paralelas, um garoto e uma garota trocam torpedos entre si durante todo o tempo de exibição, o que, por outro lado, não indica que estavam desinteressados.

Um dos indícios de que os alunos estavam de alguma forma atentos ao filme é a maior interatividade e participação quando o professor interrompe a sessão – o que, cabe dizer, gera protestos. Uma quantidade muito maior de alunos quer falar. E os debates giram em torno de questões variadas.

Antes de saírem, 12 alunos solicitam empréstimos de livros. Foi, sem dúvida, a aula em que o interesse foi mais expressivo. Ao todo, 25 títulos foram registrados no controle do professor e, embora ficção científica tenha prevalecido, não foi o único campo de interesse. Suspense, aventura, terror e mistério estiveram também na lista dos escolhidos.

O episódio de *Perdidos no Espaço* indiscutivelmente foi uma atividade que despertou o interesse dos alunos. Ainda que a produção tenha quase 50 anos, uma eternidade para produtos do gênero, revelou-se mais eficiente que os próprios livros para estimular práticas leitoras. Prendeu a atenção, mobilizou os alunos, estimulou discussão mais ampla e participativa. Talvez tenha sido pura coincidência, mas o nível de empréstimos só vai se

aproximar do observado nesta aula quando, mais uma vez, o professor trabalhar com filme, na oitava aula.

Aula 4

O professor inicia a aula dizendo que está sem voz e que, por conta disso, a aula será de “leitura livre”. Diante do comentário do professor, os alunos, munidos de seus aparelhos eletrônicos variados (um *laptop*, cinco aparelhos MP3, sete celulares e um videogame), iniciam conversas animadas, ignorando, a exceção de um ou outro, os livros disponíveis nas prateleiras.

O mestre, então, inicia um trabalho individual, abordando os diferentes grupos, tentando convencê-los a ler algo. E nesta, que foi a mais flexível entre as aulas, o que se verificou foi a ampla utilização de aparatos e a viva circulação dos discursos e dos produtos dos *media*. *Games*, internet, troca e audição coletiva de músicas, vídeos, conversas sobre filmes, histórias em quadrinhos.

Foi a primeira vez que observamos, de forma tão concreta, um aluno se aproximar de determinado livro a partir de um filme. A relação estabelecida entre a versão para a TV de *Entrevista com o Vampiro* e os títulos literários com a mesma abordagem é clara. O impacto gerado no jovem e a temática atraente provavelmente fizeram com que ele procurasse o livro.

Apesar desse fluxo intenso da comunicação, o docente parece trabalhar mais no cerceamento que na utilização. Passou boa parte do tempo solicitando (sem sucesso) que celulares e o *laptop* fossem desligados.

Aula 5

O professor anunciou o assunto “herói” e levou para a aula um conjunto de *slides*. Mesmo depois do início da apresentação, os alunos continuaram a conversar animadamente sobre assuntos paralelos, como a semifinal da Liga dos Campeões da Europa, que acontecia naquele período, socializavam músicas ao dividirem fones de ouvido e passavam de mão em mão um exemplar de revista adolescente.

O interesse se fixou na exposição quando, entre as projeções, surge uma em que Batman e Super-Homem aparecem juntos. O mestre, então, instiga a jovem plateia a enumerar outras figuras conhecidas no gênero e tem início uma espécie de competição, com vozes sobrepostas: Wolverine, Homem-Aranha, Hulk, homem De Ferro, Thor...

Mais uma vez a aula é marcada pela presença de aparelhos eletrônicos. Eles são, sem dúvida, os maiores motivadores da dispersão. Aqueles que dispõem de um celular, MP3 e videogame fazem uso sem maiores dificuldades. Os pedidos, as ameaças e até as atitudes radicais como retirar o aparelho da mão de um dos estudantes não têm muita eficácia. O comportamento indica que o discurso dos *media* mais do que circula na sala de leitura. A ideia inicial de que as aulas seriam apenas o local de retomada de produtos veiculados pelos meios de comunicação armazenados na memória foi transcendida. Há o consumo em tempo real, a circulação *in loco*.

Com a introdução de elementos reconhecíveis, por exemplo, os super-heróis, que gozam de papel de destaque nas inúmeras produções cinematográficas dos últimos anos e que são superexpostos por intermédio de outras plataformas, como o gibi, o desenho animado e os jogos para videogame, a dispersão se transforma em participação.

Aula 6

A temática “herói” tem continuidade com a distribuição entre os alunos de mais de 50 títulos a ela relacionados. A grande maioria dos alunos não se anima a ler, mas é perceptível que o assunto está presente nas conversas. Dois deles falam sobre o filme *Homem de Ferro*, outro, ao ver o título de uma obra, *Viagens de Gulliver*, lembra que, no início de 2011, uma nova versão do filme, que conta com o ator Jack Black no elenco, saiu no cinema. Também há referências a personagens como os X-Men, Percy Jackson e Hancock.

A respeito deste último, um estudante chegou a comentar com o professor que naquela semana a Rede Globo havia veiculado o filme. O mestre, por sua vez, não apenas no que diz respeito a esta menção, mais a outras igualmente contemporâneas, demonstra dificuldade para dialogar e, em certo sentido, um ligeiro desinteresse, de forma que as conversas tendem a ser curtas, sem que se estabeleçam relações entre estes produtos *mediáticos* e os livros.

O episódio serve para refletirmos acerca do lugar do professor e dos reais limites de seu papel no esforço em favor da educação. A prescrição, o determinismo, a oferta de caminhos e receitas para que os novos desafios do ensino sejam atendidos tendem a se tornar evasivas se desconsiderados aspectos que cercam a vida do próprio docente. Não podemos ignorar que, assim como os educandos, o educador está inserido em determinado meio, sob influências das idiossincrasias que o caracterizam, e que, portanto, o processo de aproximação de determinados traços culturais, às vezes muito distantes da sua realidade,

não raro, sob o risco de representar um desprazer por não traduzir seus gostos e anseios, também terá certo grau de dificuldade, restrições e – por que não? – ineficiência.

Aula 7

Originalmente a intenção era oferecer uma aula sobre poesia. O professor havia preparado um material, mas em função de problemas com os arquivos, teve de improvisar. Em todo o caso, projetou em *slides* o texto *Sinal de Apito*, de Carlos Drummond de Andrade, além de letras de músicas de Chico Buarque.

Os alunos, como em outras ocasiões, tirando um ou outro eventual, não prestaram atenção. Tão logo o mestre liberou a turma para leitura livre, a aula se desenrola entre conversas do cotidiano, como festas, locais de encontro e marcas de roupas, jogos de futebol profissional e séries de televisão. Esta foi a única aula em que nenhum livro foi emprestado. Nenhum. Pareceu-nos que ninguém teve disposição para ler. Nem que fossem algumas linhas apenas. Tivemos a impressão, também, que foi o encontro em que menos houve interação entre professor e alunos. A ausência total de referências do cotidiano dos jovens, especialmente relacionado aos *media*, durante o trecho expositivo da aula, justificaria parcialmente a dificuldade do mestre. Além disso, é provável que tenha sido determinante para que os livros de poesia simplesmente fossem ignorados. Não houve mínima menção, direta ou indireta, a filmes, histórias em quadrinhos, conteúdo da internet e afins, como observado desde o início da pesquisa.

Aula 8

A notícia de que a turma assistiria a um filme durante a aula e de que este filme era *Guerra de Titãs* empolgou a todos. No percurso entre a sala de aula e a de leitura, alunos conversam animadamente a respeito. Boa parte já tinha assistido. Um deles, inclusive, diz que esta será a sexta vez e mesmo assim demonstra interesse.

Trata-se de uma aula atípica, com os alunos disciplinados, interessados e organizados. Quando a exibição começa, o silêncio prevalece. É claro que verificamos as mesmas interações paralelas com MP3, celular e até com um videogame de mão. Mas nem por isso, os estudantes deixam de acompanhar a película.

Em determinados momentos, o professor pausa o filme e faz perguntas sobre o mito de Perseu. Os alunos respondem empolgados e fazem alusão a outras referências, como *O*

Ladrão de Raios, livro também adaptado ao cinema, e a um *game* que trata de mitologia chamado *God of War*.

Esta é, sem dúvida, a aula em que eles são mais participativos. As referências trazidas de outras linguagens, sobre um assunto bastante presente no universo jovem naquele período contribuiu para o estabelecimento de um diálogo mais efetivo.

É perceptível, ao término da aula, a influência que o filme exerceu sobre os alunos como estímulo à seleção de determinados títulos. Ou melhor, para a simples movimentação deles no sentido de fazer um empréstimo. E o que mais uma vez notamos é que esta aproximação não se dá necessariamente pelas obras que remetam de maneira muito específica ao filme. Ao contrário, a maior parte dos jovens se mostrou flexível em relação às opções disponíveis. Ainda que não tivesse o título que mais lhes interessava, verificou-se predisposição para um contato com o desconhecido.

Aula 9 e 10

Optamos por unir a descrição das duas últimas aulas porque atividades⁴ que envolviam praticamente a escola inteira reduziram o número de alunos para menos da metade. Nestes dois encontros, a sala foi ocupada majoritariamente por meninos, que falaram essencialmente sobre assuntos como câmeras de vídeo, formas de captação de imagens, diferenças entre tecnologia HD e comum, além de *games*.

Mais uma vez *God of War* esteve presente nos diálogos. Os alunos passaram mais da metade da aula falando sobre capítulos do jogo, as dificuldades encontradas para enfrentar determinados desafios e as mais de quarenta horas necessárias para finalizá-lo.

À medida que o diálogo se desenvolve, percebemos que os alunos têm um bom conhecimento sobre o assunto. Graças ao jogo e à pesquisa desenvolvida para resolvê-lo, os estudantes sabem, por exemplo, quem são os deuses e as diferenças entre eles, que Atenas é uma cidade grega onde também viveram os filósofos, quem eram os titãs e como se deu o confronto com os deuses, e por aí vai.

O professor desconhecia o jogo, assim como os alunos também não haviam se servido do acervo da Sala de Leitura para fazer suas pesquisas.

Conclusão

⁴ Excursão e organização de uma *Festa Junina*.

Podemos afirmar que as experiências vivenciadas na sala de aula nos permitiram colecionar uma série de elementos que comprovam a circulação dos produtos originários dos *media* na sala de leitura. Inicialmente imaginávamos que este diálogo intermediado ou participativo, que envolve programas de rádio e TV, filmes, sítios da internet e *games*, entre outros, se daria apenas no plano do discurso, ou seja, os alunos e até mesmo o professor levariam para dentro da escola o resultado de sua interface com os meios de comunicação e promoveriam um compartilhamento. Entretanto, constatamos que a difusão destes produtos ocorre também durante as aulas: os alunos jogam videogame, usam *smartphone* e *laptop*, as músicas compartilhadas via *Bluetooth*, edições da revista *Billboard* e *Gloss*, mensagens via celular, acesso a internet, filmes, etc.

Em todos os encontros, sem exceção, observamos tanto o diálogo quanto a difusão da comunicação veiculada pelos *media*. E estes processos de circulação e troca de informações se manifestaram de forma mais intensa nas conversas entre os alunos. Antes, durante e depois das aulas, lá estavam eles a comentar ou compartilhar alguma informação digital ou analógica.

O professor, por seu turno, também teve sua participação neste sentido. Os filmes, as provocações durante sua exposição, por intermédio de perguntas feitas em relação, por exemplo, a alguma experiência *mediática*. Mas, por outro lado, não foram poucos os episódios em que ele não estimulou a disseminação ou, ainda, atuou como cerceador de certo conteúdo aos quais os alunos tiveram acesso. Os casos em que ele pedia para desligarem aparelhos eletrônicos ou simplesmente descontinuava comentários feitos pelos estudantes atestam este argumento.

Há neste entendimento um elemento que julgamos primordial trazer para o centro da discussão. Trata-se da necessidade de ampliarmos o conceito de leitura. Talvez o papel deste espaço denominado Sala de Leitura deva ser admitido como o lugar das práticas leitoras, que transcende a palavra impressa, para estimular o olhar criterioso, cuidadoso e interessado sobre outras linguagens. A Sala de Leitura seria, nesta perspectiva, não apenas o lugar para promover a aproximação dos livros, mas também do videogame, da TV, do rádio, da internet, como uma tentativa de alcançar uma leitura mais abrangente e completa, que representa um olhar para dentro de nós mesmos - de auto-reconhecimento -, mas que também é a tentativa de compreender e interpretar o que há lá fora.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançado por sua leitura

crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1992, p. 12)

Simpatizamos com as ideias de Freire a respeito da amplitude e do significado da leitura, que, antes da palavra, recai sobre o mundo. Este, que desde o século XX e de maneira mais intensa a partir dos primeiros anos do novo milênio, é cada vez mais digital, via satélite, fibra óptica, *pixel*, 3G, *touch screen*, *high tech*, nanotecnologia, sustentável, biodegradável, renovável...

Bibliografia

ANDRÉ, Marli Eliza D.A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 1995.

BELO, André. **História & livro e leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CITELLI, Adilson. **Palavras, meios de comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1992, págs. 11-24.

GÓMEZ, Guilherme Orozco. Audiências y pantallas en América. **Comunicar**, Huelva, v. XV, nº 30, 2008, Pág. 10-13.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 7ª edição, 2000, págs. 63-105.

LÈVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2ª edição, 2008.

MURRAY, Janet H. **Hamlet no holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço**. São Paulo: UNESP, 2003.

REIMÃO, Sandra. **Livros e televisão – correlações**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.